

JAVIER MARÍAS

Seu rosto amanhã

3. Veneno, sombra e adeus

Tradução

Eduardo Brandão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2007 by Javier Marías

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Tu rostro mañana

Capa

Warrakloureiro

Foto de capa

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Angela das Neves

Márcia Moura

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marías, Javier

Seu rosto amanhã / Javier Marías ; tradução Eduardo Brandão.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original : Tu rostro mañana.

Conteúdo: 1. Febre e lança – 2. Dança e sonho – 3. Veneno, sombra e adeus

ISBN 978-85-359-1728-4

1. Romance espanhol 1. Título.

10-07862

CDD-863.64

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura espanhola 863.64

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Prólogo.....	9
5. Veneno.....	15
6. Sombra.....	199
7. Adeus.....	373
Agradecimentos.....	613

5. VENENO

— A gente não deseja, mas sempre prefere que morra quem está a seu lado, numa missão ou numa batalha, numa esquadrilha aérea ou sob um bombardeio ou nas trincheiras, quando existiam, num assalto na rua ou a uma loja, ou num sequestro de turistas, num terremoto, numa explosão, num atentado, num incêndio, tanto faz: o companheiro, o irmão, o pai ou até o filho, ainda que seja pequeno. E também a amada, também a amada, em vez de nós mesmos. Todas essas ocasiões em que alguém cobre com seu corpo um outro, ou se interpõe à trajetória de uma bala ou de uma facada, são exceções extraordinárias e por isso se destacam, e a maioria é fictícia, está nos romances e nos filmes. As poucas que ocorrem na vida real são impulsos irrefletidos ou ditados por um sentido de decoro ainda muito forte e cada vez mais raro, há quem não poderia suportar que seu filho ou sua amada se fossem para o outro mundo com a ideia derradeira de que você não impediu sua morte, não se sacrificou, não deu sua vida para salvar a deles, como se você tivesse, interiorizada, uma hierarquia de vivos que já está ficando antiquada e pálida, as

crianças merecem viver mais que as mulheres, as mulheres mais que os homens e estes mais que os velhos, algo desse tipo, era assim antes, e esse velho cavalheirismo sobrevive em algumas pessoas, cada vez menos, nas que têm esse decoro tão absurdo porque, pensando bem, o que deveria importar o pensamento último, o despeito ou a decepção fugazes de quem um instante depois já estará morto, sem capacidade de decepção nem de despeito nem de pensamento? É verdade que ainda há uns poucos que têm essa preocupação arraigada e para os quais isso é importante, e que portanto atuam para a testemunha que salvam, para ficar bem diante dele ou dela e ser recordado com admiração e gratidão eternas; sem se lembrar de verdade, no momento decisivo, sem plena consciência então de que nunca desfrutarão dessa admiração nem dessa gratidão, porque serão eles que um instante depois já terão morrido.

E enquanto ele falava me veio à cabeça a expressão dificilmente compreensível, se não intraduzível, que por isso eu não disse na hora, teria levado um tempo para explicá-la a Tupra: “É o que chamamos de vergonha toureira”, me acudiu ao pensamento, e em seguida: “Claro que os toureiros têm um monte de testemunhas, uma praça de touros inteira e milhões de telespectadores às vezes, e pode-se entender melhor caso pensem: ‘Saio daqui com o fêmur arreventado, saio daqui cadáver mas não como um covarde, diante de tanta gente que depois contaria sem parar e para sempre minha covardia’. Esses toureiros temem o horror narrativo mais que a peste, o mau passo último que os definiria. Para eles seu fim, sim, conta muito, como para Dick Dearlove e quase qualquer outro personagem público, imagino, cuja história está à vista de todos em todos os seus trechos, ou em seus capítulos, até o desenlace que acaba marcando-a por inteiro, ou que lhe dá um sentido injusto e falaz”. E depois não pude evitar o comentário, embora interrompesse Tupra por um mo-

mento. Mas era uma contribuição ao que ele dizia e uma maneira de simular o diálogo:

— Em espanhol chamamos isso de “*vergüenza torera*”. — E disse tal qual as duas palavras, para em seguida traduzi-las. — “*Bullfighter’s shame*”, literalmente, ou “*sense of shame*”. Outro dia te explico em que consiste, aqui vocês não têm toureiros. — Mas naquele momento eu nem sequer estava seguro de que fosse haver outro dia. Nem mais um dia ao seu lado, nenhum dia.

— Está bem, mas não se esqueça. Não, não temos. — Tupra sempre tinha curiosidade pelas expressões da minha língua, sobre as quais de tempo em tempo eu o esclarecia, quando eram apropriadas e sugestivas. Mas agora ele é que estava me esclarecendo (eu já sabia aonde ele queria chegar, e ele ou seu caminho também provocavam minha curiosidade, para lá do repúdio ao término do trajeto que previa), de modo que prosseguiu: — Daí a deixar morrer um outro para se salvar há apenas um passo, e a procurar que seja esse outro que morra em seu lugar e até mesmo propiciar sua morte (sabe como é, ou ele, ou eu), só mais outro e muito curto, e os dois são fáceis de dar, principalmente o primeiro, ou quase todo mundo dá esse passo numa situação extrema. Por que nos incêndios de teatros e discotecas morre mais gente esmagada e pisoteada do que queimada ou asfixiada, por que no naufrágio de um barco há quem nem sequer espere encher o bote antes de baixá-lo, contanto que se afaste logo e sem carga, por que existe a própria expressão “salve-se quem puder”, que supõe prescindir de toda consideração para com os outros e reinstaurar de repente a lei da selva, que todos fazemos naturalmente nossa e à qual não levamos nem um segundo para voltar, embora levemos mais de meia vida com ela em suspenso ou mantendo-a sob controle. Na realidade, nós nos violentamos pa-

ra não segui-la e não obedecer a ela a todo momento e em qualquer circunstância, e mesmo assim a aplicamos muito mais do que reconhecemos fazê-lo, só que de modo dissimulado, com um verniz de civilidade nas formas ou sob o disfarce de outras leis e regras respeitosas, mais lentamente e com numerosos rodeios e procedimentos, tudo é mais trabalhoso, porém no fundo é a lei que rege, é ela que manda. É assim mesmo, pense bem. Entre as pessoas e entre as nações.

Tupra tinha dito o equivalente inglês de “salve-se quem puder”, que talvez denote menos escrúpulos ainda, “*Every man for himself*”, isto é, “Cada homem por sua conta” ou “Cada um por si”: que cada um trate da sua pele e cuide apenas de si mesmo, de se pôr a salvo por qualquer meio, e os outros que se virem, os mais fracos, desajeitados, ingênuos e tontos (também os mais protetores, como meu filho Guillermo). Nesse instante cada um se permite implicitamente empurrar, jogar, passar por cima dando coices ou abrir com o remo a cabeça do desgraçado que tentar reter nosso bote e entrar nele quando já desliza rumo à água comigo e os meus dentro, e não cabe ninguém mais, ou não queremos compartilhá-lo nem correr o risco de virar. Apesar de as situações serem distintas, essa voz de comando pertence à mesma família ou gênero de outras três, as que ordenam fogo à vontade, uma matança e uma debandada, uma fuga em massa: a que autoriza a abrir fogo cerrado e sem nenhum critério, em quem avistar e em quem pegar, a que insta a passar à baioneta ou à faca e não fazer prisioneiros nem deixar ninguém vivo (“Sem quartel”, é o aviso, pior ainda se for “À degola”), e a que urge a sair correndo, a se retirar com as fileiras rompidas e indisciplinadas, *pêle-mêle* em francês ou o copiado *pell-mell* em inglês, isto é, em tropel ou atropeladamente; ou então dispersas, cada soldado talvez numa direção, e não há direções suficientes

para separá-los, cada um atento somente a seu instinto de sobrevivência e indiferente à sorte de seus companheiros, que não contam mais e na realidade deixam de sê-los, embora ainda estejamos todos fardados e sintamos o mesmo medo na fuga única, mais ou menos.